

DANÇA E MÚSICA COMO RECURSO DE APRENDIZAGEM¹

DANCE AND MUSIC AS A RESOURCE FOR LEARNING

Ana Meyre Leal Cosmo Cardoso

Minicurriculo

Licenciatura em Normal Superior, Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Licenciatura em Artes Visuais (2ª Licenciatura), Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR) / Universidade Federal do Piauí (UFPI). Aluna do Curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos (EJA) do Campo. Funcionária efetiva da Prefeitura Municipal de Buriti dos Lopes – Piauí.

e-mail: ameyrecardoso@hotmail.com

RESUMO

Analisa-se a importância da dança e da música nas séries iniciais do ensino fundamental mediante a utilização e práticas pedagógicas, tendo como cerne a preocupação sobre o conteúdo da dança e da música trabalhado com as crianças, no que se refere à formação e ao conhecimento que podem construir a partir desse aprendizado. Opta-se por uma pesquisa de campo com abordagem qualitativa, envolvendo alunos do CEEP Liceu Parnaibano, Parnaíba – Piauí. Além de referencial teórico alusivo à relevância da dança e da música na escola, especialmente para a criança, recorre-se à técnica de entrevista com a pedagoga da sala e à técnica de questionário, no caso de nove alunos, além da observação de uma aula de arte. Confirma-se a importância que a dança e a música têm para o desenvolvimento da criança, apesar de a realidade apontar algumas dificuldades.

Palavras-chave: Educação infantil. Ensino escolar e dança. Ensino escolar e música. Dança na educação. Música na educação.

ABSTRACT

The paper analyzes the relevance of dance and music in the first classes of primary schools (ensino fundamental) through the use and teaching practices, with the core concerns about the contents of dance and music working with children, with regard to training and knowledge can build on this learning. A field research with a qualitative approach was realized among the students of CEEP High School in Parnaíba (Liceu Parnaibano, Parnaíba – Piauí, Brazil). Besides theoretical framework alluding to the relevance of dance and music in school, especially for the children, it was used the interviewing technique with students and pedagogues of the school. The study confirms the importance that dance and music play for children's development, despite the reality point out some difficulties.

Keywords: Childhood education. School and dance education. School and music education. Dance in education. Music in education.

Form@re. Revista do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica / Universidade Federal do Piauí, Teresina, v. 1, n. 1, p. 176-187, jul. / dez. 2013.

¹ Fundamentado em Trabalho de Conclusão do Curso em Licenciatura em Artes Visuais (2ª licenciatura), Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR) / Universidade Federal do Piauí (UFPI). Orientação a cargo da Professora Maria de Jesus Farias Medeiros. Texto aprovado pelo Ministério da Educação (MEC) dentro do programa “Projeto Mais Cultura na Escola”.

1 INTRODUÇÃO

O ensino de artes visuais consiste em disciplina necessária ao conhecimento do homem para entender as narrativas e os feitos por ele realizados, reafirmando a construção de sua cultura. Por outro lado, aplicar e desenvolver o ensino-aprendizagem é promover habilidades junto com o alunado por meio de disciplinas e respectivos conteúdos, visando conhecer o cotidiano, seus registros, os sujeitos e o significado de envolver a cultura material e imaterial, como meio de o homem reconhecer sua produtividade e capacidade de sujeito da história da humanidade. Assim, a disciplina de artes visuais enfoca a possibilidade de o ser humano se reconhecer como capaz de realizar produções estéticas e comunicativas através das artes.

Para valorização da disciplina em sala de aula, temos que mostrar via planejamento e estudo como a arte favorece a criatividade, criticidade e reflexão dos estudantes, empregando para tanto variados métodos de aprendizagem. Dentre eles, estão atividades lúdicas, artísticas e criativas. Para que isso aconteça, devemos nos apropriar do currículo de arte, conforme rege a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n. 9.394/96, Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Arte, garantindo a qualidade no ensino e no desenvolvimento estético voltado para a competência artística dos alunos nas diversas linguagens do campo das artes, em especial, das artes visuais. Priorizamos, então, as categorias de dança, agregando a música como modalidade de objeto de estudo.

Pensar o ensino de arte é pensar na leitura e produção da linguagem como meio de despertar habilidades e estimular a sensibilidade inerente ao ser humano. A linguagem da arte possui o poder de transformação criativa e interativa entre os sujeitos. Pensando a arte como forma de criação de linguagens – a linguagem visual –, envolvendo dança e música, torna-se possivelmente a mais expressa pelo homem em seu percurso histórico, afirmando-se como modo singular de o homem refletir sobre seu estar no mundo. Referidas linguagens se mostram mais performáticas, sonoras, poéticas e gestuais.

Assim sendo, o interesse pelo tema parte da necessidade de gerar oportunidades de utilização da dança e da música como recurso capaz de potencializar o aprendizado das crianças na escola, contribuindo para construir a identidade e a cidadania dos futuros cidadãos. Como decorrência, a questão importante da introdução da dança e da música como meio de educação é a redescoberta do valor humano e artístico das criações. Por isso, é essencial trazer a arte para a escola, não como um momento isolado de aprendizado na hora do recreio e, sim, como processo contínuo.

O importante é reaprender com a arte, com o imaginário e com a sabedoria expressa pelo corpo. É a adesão às sábias e criativas maneiras de viver, de sentir e pensar a vida com a sensibilidade das artes. No embalo dos cantos e das danças, trabalham-se os acervos documentais pessoais e materiais como estratégia de afirmar a identidade cultural na perspectiva de construir o conhecimento, o entretenimento e a cidadania. No seio da população, a dança e a música fazem parte da luta, da entrega e da resistência às provações e às dificuldades, como vemos, com frequência, no ensino popular. Portanto, este estudo procura demonstrar os sentidos e os significados da dança e da música no contexto de sala de aula, introduzindo na escola e no processo educacional a riqueza da experiência de diferentes formas de compreender e interpretar o real, o lúdico e o simbólico na vida e na condição humana.

A pesquisa de campo com abordagem qualitativa envolve alunos de uma escola pública, CEEP Liceu Parnaibano, Parnaíba – Piauí, na perspectiva de analisar a dança e a música como recurso educativo via arte. Acreditamos que a prática de tais atividades aguça nos educandos a sensibilidade gestual e estética em seu desenvolvimento. Afinal, a arte tem sido importante alicerce de muitos trabalhos com crianças e adolescentes, principalmente, quando pertencentes a comunidades de risco social. Na amostra estudada, grande parte dos sujeitos vive em situação econômica precária e não tem acompanhamento satisfatório familiar e institucional. Entendemos, no entanto, que a escola é o canal por excelência para a promoção social do reconhecimento do indivíduo no meio social.

Reiteramos, pois, que nosso objetivo é analisar a dança e a música como recurso de linguagem de aprendizagem para estudar como a instituição escolar está transmitindo os conteúdos. Especificamente, nosso intuito é observar a formação das crianças no contexto educacional associado à utilização do espaço de aprendizagem. Além do mais, na pesquisa, os professores ministrantes da disciplina são sujeitos da pesquisa, informando sobre ações empreendidas e métodos aplicados em sala de 6º ano do ensino fundamental do CEEP. Porém, embora os sujeitos da pesquisa sejam os professores, trabalhamos, também, com parte dos alunos com o fim de conhecer seu nível de (in) satisfação sobre o ensino da arte visual (dança e música) na escola.

2 EDUCAR POR INTERMÉDIO DA ARTE

A capacidade de se expressar por meio do corpo é intrínseca ao ser humano, como visto anteriormente. Para Ferreira (2010), a expressão corporal apresenta-se como

característica que se aprimora continuamente, desde as civilizações mais antigas. O movimento constitui um dos principais instrumentos de interação entre homem e mundo à sua volta, desde as ações mais simples até o conjunto de ações simbólicas e complexas que integram a dança. Na mesma linha de pensamento, Selbach (2010) reitera que na arte cultural da dança na escola, o movimento aparece como um dos principais meios de inter-relação homem *versus* entorno, favorecendo concentração, disciplina, coordenação motora, respeito ao outro e prática cidadã.

Nos PCN (BRASIL, 1997, 1998), as abordagens mais frequentes apresentadas para que a dança esteja presente no currículo das escolas fundamentais passa também pela afirmação de que todos possuem o dom inato, instintivo, natural e espontâneo de dançar. Logo, compete aos educandários valorizarem esse ato presumível e aprimorá-lo de forma dinâmica e prazerosa no dia a dia escolar. Ainda segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte, a contextualização dos conteúdos favorece aos alunos curiosidade e interesse pela cultura de forma crítica e reflexiva valorizando a cultura e os costumes de cada um ou de cada grupo social. Em termos restritos à dança, na dimensão clássica ou popular, representa linguagem de expressão relevante. A modalidade clássica do balé mantém um gestual aprimorado, encenado e disciplinado para demonstrar o encantamento do corpo e sua cênica de acordo com a leveza dos movimentos que o espetáculo requer. A dança popular, por sua vez, possui outra dimensão de expressão. Danças folclóricas anunciam um ritual por meio de tipos, ritmos e encenações que abrangem linguagens expressivas das diferentes culturas. Neste contexto, a dança se impõe como atividade educativa que comunica a cultura dos povos.

É importante compreender que a responsabilidade primordial do professor de arte é com a construção de oportunidades de acesso dos alunos aos bens estéticos e artísticos historicamente instituídos pela humanidade, buscando a democratização do saber por meio das linguagens artísticas. A escola pode desempenhar importante função na educação dos corpos, do processo interpretativo e criativo da dança, transformando a sociedade ao seu redor, de forma harmoniosa e prazerosa. Porém, é preciso cuidado quando da aplicação do método artístico envolvendo a dança e não apenas a dança folclórica com passos repetitivos e sem graça, haja vista que esta pode / deve ser criativa e despertar o desempenho educacional. Além disso, reforça laços de amizade, procura trabalhar e conhecer o grupo no qual o indivíduo está inserido, assim como conhecer a si próprio de outra maneira, dando importância à questão da autoestima.

Sob a ótica de diversidade e multiplicidade de propostas e ações que caracterizam o mundo contemporâneo, é primordial olhar mais crítico rumo à dança e à música na escola. Tal como a dança, a música também é uma linguagem que se aprende antes mesmo da aprendizagem da fala e da escrita, o que pressupõe atenção para que ocorra na escola de forma criativa e estética (ARTE Educação, 2013).

Ademais, não é qualquer conteúdo na área de dança e música que se presta a estabelecer uma relação consciente entre formação social e cultural. Na construção de uma sociedade democrática, o educador precisa adotar ações e medidas comprometidas com a realidade sociocultural do local onde a instituição está inserida, o que demanda reconhecimento dos valores éticos e morais vigentes e capazes de permitir a construção da cidadania em sentido pleno.

Um dos fatores importantes marcados pelo senso comum é o de visualizar dança e música como mero divertimento, desprovido de conteúdo ou de mensagens culturais. Quer dizer, ainda paira certa ingenuidade quanto ao corpo que dança e o corpo na dança, sobretudo, no ambiente escolar. É preciso reflexão séria e aprofundada diante dos modelos televisivos de danças e músicas que estimulam a erotização do corpo e são frequentemente repetidos em festas escolares, de forma livre e descontextualizada. Certas coreografias eximem os professores de qualquer intervenção para que a dança seja vista e compreendida de maneira crítica e construtiva.

O conhecimento da história da dança, formas e estilos (*jazz* moderno, balé clássico, sapateado, etc.), estudos étnicos (inclui-se o estudo das danças folclóricas e populares) poderá possibilitar ao aluno traçar relações diretas entre épocas, estilos e localidades em que as danças foram e são (re) criadas, podendo, assim estabelecer relações com as dimensões sociopolíticas e culturas da dança. O estudo desses aspectos encorajará os alunos a apreciar as diferentes formas de dança, associando-as a diferentes escolhas que dependem de suas vivências estéticas, religiosas, étnicas, de gênero, de classe social, etc. (BRASIL, 1998, p. 75).

Ainda em conformidade com a fonte ora citada, a escola deve garantir uma educação musical para que os alunos pensem sobre a composição musical, seu imaginário e, por conseguinte, expressem processos de improvisar, compor e interpretar. A este respeito, Selbach (2010) afirma que o educandário assume papel importante na educação do corpo e do processo interpretativo, comunicativo e criativo em aulas de arte, quando o professor inclui em todas as séries do ensino fundamental espaço para trabalhar a dança e a música. Com isso, oferece subsídios ao alunado para que compreenda, desconstrua e transforme as relações habitualmente estabelecidas entre corpo, dança e sociedade.

Form@re. Revista do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica / Universidade Federal do Piauí, Teresina, v. 1, n. 1, p. 176-187, jul. / dez. 2013.

Atividades dessa natureza são esteticamente bonitas e, para a maior parte dos alunos, interessantes e divertidas. Para Freire (2011), o mais importante é que, através da dança e da música, o indivíduo desvenda oportunidades de ensinar “cultura”. Ao mostrar o “corpo” como muito mais do que mero veículo, as atividades passam a impulsionar uma aprendizagem consciente e significativa para a vida. A dança é uma ação que não se pratica sozinha. Isto é, sempre dançamos com alguém ou para alguém. O mesmo acontece com a música, cujos ritmos e sonoridade complementam a expressividade da arte visual da dança. O autor reafirma que a dança não é um movimento solitário. Ao contrário. É extremamente solidário, pois sustenta as noções de acolhimento e hospitalidade. Indo além, Santana (2011) acrescenta que a dança não acontece sem a música. Portanto, é imprescindível que pais e educadores preparem as crianças para que desde pequenas saibam apreciar a boa música, visando ao aperfeiçoamento de sua percepção auditiva e estimulando sua criatividade e imaginação.

Diante do exposto, afirmamos que toda forma de linguagem artística é um modo singular de o homem refletir. E quando o homem trabalha nessa linguagem, seu coração e sua mente atuam juntos em poética intimidade, transmutando a realidade e a deixando mais harmoniosa. Para Ana Mae Barbosa (2012, p.30-31),

As formas como os campos de conhecimento foram e são compreendidos na escola e como estes campos transformaram-se em disciplinas curriculares são resultados de tratamentos diferenciados sobre o trabalho pedagógico em relação aos diferentes tipos de saberes. Fora das salas de aula, professores e professoras são avaliados, cobrados e “medidos” pela capacidade de satisfazer expectativas que pouco tem a ver com as condições internas de seu trabalho. Nas salas, professores sobrevivem com o que têm e podem fazer, enfrentando a ausência de condições mínimas que lhes dariam prazer e engajamento para realizar sua parte na formação educacional dos alunos e, neste caso, na sua formação cultural e artística. Sob a orientação dos professores e numa situação coletiva, é no espaço das salas de aula que o conhecimento selecionado pela escola pode vir a expandir e a restringir a experiência dos alunos.

Diferentemente das disciplinas mais “estáveis”, como matemática, português e geografia que merecem tratamento diferenciado e sofrem modificações visando aprimorar os conteúdos de acordo com a atualidade, o ensino da arte para ser valorizado precisa agregar vários argumentos. Segundo Barbosa (2012, p. 33), nenhum deles é desprezível, mas quase todos são alheios à compreensão das iniciativas artísticas, de seus produtos, suas ações e reflexões:

Dentre os mais conhecidos destes argumentos para a defesa do ensino de arte na escola – não desprezíveis, porém, nem sempre educacional e artisticamente sustentáveis – encontramos: 1. Aprendizagem da arte para o desenvolvimento moral, da sustentabilidade e da criatividade do indivíduo; 2. Ensino da arte como forma de recreação, de lazer e de divertimento; 3. Arte-educação como artifício para a ornamentação da escola e como veículo para a animação de celebrações cívicas ou familiares naquele ambiente; 4. Arte como apoio da aprendizagem e memorização de conteúdos de outras disciplinas, e, finalmente; 5. Arte como benefício ou compensação oferecida para acalmar, resignar e descansar os alunos das disciplinas consideradas “sérias”, importantes e difíceis.

Ainda hoje, permanece essa ideia por parte de professores não formados no campo das artes. Para muitos, a arte nem é relevante nem é fundamental na vida dos educandos. Isso requer imediata capacitação no contexto das artes com o fim de minimizar desinformações e distorções deste porte. Por outro lado, é preciso admitir que os métodos utilizados nas últimas décadas possam elucidar as causas de tal negligência que acaba por refletir na desmotivação de professores e alunos envolvidos no ensino-aprendizagem artístico. Amparado nos conteúdos propostos nos PCN, devemos compreender a arte como área de conhecimento e como espaço de desenvolvimento das potencialidades humanas. Isto compreende princípios básicos capazes de implementar práticas inovadoras e instigantes na esfera escolar para exercer com plenitude a educação pela arte.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

De início, relatamos os procedimentos metodológicos, os quais constituem, na percepção de Souza e Souza (*apud* SILVA, 2010, p. 25), “[...] importante instrumento para o investigador definir o seu tema, ter claro seus objetivos e principalmente, desenvolver sua pesquisa, tendo claro que tipo de abordagem vai fazer até seu trabalho final”. Como vimos anteriormente, a presente pesquisa identifica-se com o método de abordagem qualitativa, para que assim possamos analisar melhor o problema apresentado. A abordagem qualitativa, segundo Triviños (1987, p. 117), é a “[...] dialética da realidade social que parte da necessidade de conhecer (através de percepção, reflexão e intuição) a realidade para transformá-la em processos contextuais e dinâmicos complexos”.

No caso, além de pesquisa bibliográfica, recorreremos à pesquisa de campo por meio de observação de uma aula de arte e entrevista semiestruturada com o docente-pedagogo do 6º ano do ensino fundamental do CEEP Liceu Parnaibano. Ao mesmo tempo, aplicamos a nove alunos um questionário com perguntas fechadas. Nesse momento, buscamos identificar os conteúdos da dança e da música transmitidos em sala de aula para analisar a

apreensão possível de conhecimentos em relação à linguagem da dança e da música. Resumindo: além do referencial teórico (ênfase para o principal documento norteador – Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte) alusivo à relevância da dança e da música na escola, especialmente para a criança, recorreremos à técnica de entrevista com a pedagoga da sala e à técnica de questionário, no caso dos alunos, além da observação de uma aula.

4 OBSERVANDO UMA AULA

Em se tratando da técnica de observação de uma aula de arte no CEEP Liceu Parnaibano, elaboramos roteiro contendo questões básicas, a saber: (1) De que maneira a professora aborda os conteúdos de arte na sala de aula (metodologia empregada); (2) Em algum momento utiliza dança e / ou música? (3) Se sim, de que maneira e com qual objetivo? (4) Quais os conteúdos trabalhados? Com os questionamentos em mãos, durante a observação, percebemos que nas aulas de arte, a ênfase vai para a história da arte, de forma metódica e sem estimular a curiosidade dos estudantes, ou seja, não há tentativa de vincular teoria à prática.

Após a observação, realizamos intervenção em sala recorrendo à dança e à música, em consonância com os conteúdos da disciplina. Nesse momento, os alunos externaram seu desejo de receberem aulas de arte em modelo similar, uma vez que introduzimos os conteúdos de forma lúdica e prazerosa. Ao tempo que sentimos satisfação pelo sucesso da ingerência, nos mantivemos um tanto decepcionadas em constatar que a descontração parece estar ausente nas aulas de arte. Decerto, aplicar dança e música parece trabalhoso para alguns professores, não obstante a possibilidade das artes representarem momento de descontração e relaxamento do cotidiano estressante do alunado.

Depois da intervenção, foi o momento de aplicação do questionário com as perguntas diretas dirigidas a nove alunos acerca das formas que gostam de trabalhar a arte. Quatro alunos admitem sua preferência pelo desenho livre, chance de expressar suas ideias e seus pensamentos. Duas outras gostam de trabalhar com *glitter*, embora esse material seja pouco utilizado. Uma criança reafirma sua predileção por desenho e colagem, enquanto as outras duas se limitam a confirmar as respostas dos colegas. De qualquer forma, é evidente que o grupo pesquisado não está acostumado a perceber a dança, a música, o teatro ou a poesia como atividades de arte, contrariando os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998, p.19):

No ensino fundamental, a arte passa a vigorar como área de conhecimento e trabalho com as várias linguagens e visa à formação artística e estética dos alunos. A área de arte, assim constituída, refere-se às linguagens artísticas, como artes visuais, a música, o teatro e a dança.

Insistimos sobre a adequação (ou não) da intervenção, mas, consensualmente, todos expressaram, no momento, sua receptividade. Os motivos diferem. Quatro pesquisados confessam a facilidade de assimilar o conteúdo e dramatizar o aprendido ou aprendido graças à dança. Outro aluno admite que sua adesão possa estar vinculada ao fato de que o canto impede as conversas paralelas com os colegas, como costuma acontecer durante outros momentos em sala de aula. Surpreendente a reação de um aluno, em geral, indiferente às atividades de classe: começa a cantar com os demais companheiros e demonstra visível interesse em participar da coreografia em sala. Acrescenta, ainda, que a atividade chamou sua atenção e foi definitiva para sua participação. Tal reação confirma Howard (1984, p.12), para quem “[...] todas as crianças manifestam profundo interesse pela música e, mais possivelmente mais profundo ainda, pelo seu exercício”.

Diante da próxima pergunta – É melhor aprender com música ou de outra forma? – a maioria (cinco) dos alunos afirma preferir desenhos entre as opções que, na verdade, estão disponíveis em seu cotidiano escolar. Três optam pelo aprendizado com música, haja vista que, poucas vezes, trabalharam com essa linguagem, mas a experiência se mostrou bastante significativa. Para o nono respondente, dança e música são complementos das atividades pedagógicas, o que nos leva a inferir que as duas expressões artísticas ainda são empregadas como mero reforço das demais iniciativas escolares.

Dando continuidade ao contato com os estudantes, perguntamos – Se pudessem escolher, de que maneira trabalhariam um texto de português, por exemplo? Novamente os desenhos são citados por cinco crianças. Outros quatro preferem a música por motivações distintas, como: “relaxa mais” e “mais fácil para aprender”. Ressaltamos que, no dia a dia, o alunado ouve pouca música e quase nunca tem oportunidade de interpretar através da dança seus sentimentos em sala de aula. De novo, a prática de integrantes do 6º ano do ensino fundamental do CEEP Liceu Parnaibano contraria as prescrições teóricas:

O aluno desenvolve sua cultura de arte fazendo, conhecendo e apreciando produções artísticas, que são ações que integram o perceber, o pensar, o aprender, o recordar, o imaginar, o sentir, o expressar, o comunicar. A realização de trabalhos pessoais, assim como a apreciação de seus trabalhos, os dos colegas e a produção de artistas, se mediante a elaboração de ideias, sensações, hipóteses e esquemas pessoais que o aluno vai estruturando e transformando, ao interagir com os diversos conteúdos de arte manifestados nesse processo dialógico (BRASIL, 1998, p. 19).

Indagamos, ainda, sobre os conteúdos recebidos nas aulas de arte. As respostas conduzem às alternativas: pintura; desenho livre e colagem; trabalhos com *glitter* e com guache. É preciso lembrar que nossa realidade, salvo raras exceções, revela escolas sem infraestrutura para a inserção adequada da arte na educação básica, que, quando muito, enfatiza as artes visuais. Finalizando, perguntamos aos alunos em que momentos ouviam música na escola e que tipos de músicas – as conhecidas ou novas músicas. Nove alunos afirmam ouvir música e dançar somente em momentos especiais, como as festas juninas. Diante dessa colocação, nos perguntamos: afinal, que oportunidades a escola oferece aos alunos para que se expressem por meio de outra linguagem da arte, como dança, música, teatro e / ou poesia?

De fato, um dos graves problemas relacionados com o ensino de artes, incluindo dança e música, é a formação do profissional. Na maioria das vezes, são pedagogos que desempenham a função sem a devida qualificação, apesar de ser extremamente importante respeitar as especificidades da formação docente para os diferentes níveis educacionais.

5 DIALOGANDO COM A PROFESSORA

Após o contato com as crianças, entrevistamos a professora do 6º ano, pedagoga que trabalha com a disciplina de arte com os alunos pesquisados. Iniciamos perguntando sobre o uso da dança e da música nos momentos de aula. Argumentando que, como as aulas de arte são sempre ou no primeiro ou no último horário, momento em que os alunos ou ainda não chegaram ou já foram embora, admite priorizar a história da arte em si. Em sua opinião, transmite o que acha importante para o ingresso posterior à universidade.

Perguntada sobre sua própria formação, a entrevistada diz não ter vivenciado oportunidades de receber conteúdos pertinentes à dança e / ou à música. No entanto, tenta ler muito sobre o que ministrar em suas aulas de arte. Trata-se de constatação que reforça o valor da formação continuada do mestre. Determinadas situações pedagógicas podem ser administradas de forma simples, mediante boa vontade do educador em buscar motivações que favoreçam alternativas para mudanças. Tentar experimentar ações diferentes para minimizar a rotina consiste em instrumento de renovação no ensino. Na fala da pedagoga, é evidente sua preferência por conteúdos “tradicionais” sem envolvimento dos alunos em propostas inovadoras e em conformidade com os novos tempos.

6 PALAVRAS FINAIS

Ao optarmos por uma 2ª Licenciatura em artes visuais, desconhecíamos sua importância para nosso conhecimento estético e investigador. Eis a oportunidade que nos levou a descobrir fatos e fenômenos até então inexistentes a nossos olhos, dentre os quais, técnicas para produzir esculturas, pinturas, fotos e filmes, ou seja, a revelar o artista que há em cada um de nós. Aqui, reiteramos a escolha do tema – dança e música – face à preferência por trabalhar com ritmos e ao conhecimento do valor das duas artes para a formação da criança.

Por outro lado, ao empreender nosso estudo, percebemos que o ensino de arte é, infelizmente, ainda muito relacionado às artes visuais em detrimento das outras expressões artísticas, como dança, música e teatro. Paradoxalmente, as falas das crianças e sua receptividade à intervenção efetivada deixam antever como elas são capazes de se encantar com a dança e a música nos poucos momentos que a vivenciam no ambiente escolar. Em sentido oposto, é perceptível o pouco conhecimento sobre a importância da dança e da música em sala de aula por parte da pedagoga, reforçando a importância do compartilhamento de sua prática pedagógica com colegas e alunos.

Tudo isso traz à tona a pertinência da Lei n. 11.769/2008, agora incorporada à LDB n. 9.394/96, que determina o ensino de dança e música como conteúdo da disciplina de arte nos diversos níveis da educação básica. Com a importância da dança e da música reafirmada por documentos legais, são indispensáveis e urgentes mudanças nas propostas educacionais para a inserção das linguagens da dança e da música na aprendizagem de crianças, adolescentes e jovens brasileiros. Indo adiante, é essencial reflexão sobre o planejamento curricular da disciplina de arte e sobre a capacitação de professores ministrantes da disciplina.

Confessamos, ao final, que o exercício ora praticado serve de reflexão para nossa atividade como educadora. A pesquisa nos conduziu a um longo percurso reafirmando a grandeza presente numa simples sala de aula.

Referências

ARTE Educação. 2013. Disponível em: <[http:// http://www.arteducacao.pro.br](http://www.arteducacao.pro.br)>. Acesso em: 12 set. 2013.

Form@re. Revista do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica / Universidade Federal do Piauí, Teresina, v. 1, n. 1, p. 176-187, jul. / dez. 2013.

BARBOSA, A. M. (Org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 20 dez. 1996. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein9394.pdf>>. Acesso em: 13 ago. 2013.

_____. Lei n. 11.769, de 18 de agosto de 2008. Altera a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 19 ago. 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/lei/L11769.htm>. Acesso em: 13 ago. 2013.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais** (1º ao 4º ano): arte. Brasília, DF, 1997.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais** (5º ao 8º ano): arte. Brasília, DF, 1998.

FERREIRA, A. **Arte, escola e inclusão**: atividades artísticas para trabalhar com diferentes grupos. Petrópolis: Vozes, 2010.

FREIRE, I. M. Ação política e afirmativa: dança e corpo no discurso educacional sul-africano pós-apartheid. **Revista O Teatro Transcende**, Blumenau, v. 16, n. 2, p. 30-42, 2011.

HOWARD, W. **A música e a criança**. São Paulo: Summus, 1984.

SANTANA, S. P. da S. A **dança de salão e seus benefícios motores, cognitivos e sociais**. 2011. Disponível em: <www.univates.br/revistas/index.php/cadped/article/.../102/106>. Acesso em: 3 fev. 2013.

SELBACH, S. **Arte e didática**. Petrópolis: Vozes, 2010.

SILVA, M. T. da. A **importância da música nas séries iniciais do ensino fundamental no Colégio Sagrada Família**. Criciúma, 2010. 43 f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Curso de Pedagogia da Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2010.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

Form@re. Revista do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica / Universidade Federal do Piauí, Teresina, v. 1, n. 1, p. 176-187, jul. / dez. 2013.